

O PENSAMENTO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

Debate o discusión en teoría social
GT 17 Pensamiento latino-americano y teoría social
Isabel Cristina Naranjo Noreña

Resumo

A presente proposta constitui uma sorte de balanço das Ciências Sociais na América Latina, feito a partir da leitura de uma série de autores que se inscrevem numa linha de produção crítica que faz frente às orientações teóricas e metodológicas que não conseguem dar conta das dinâmicas sociais do continente e que deformam a realidade na medida em que são alheias a ela. Estes autores, além de questionar a condição de colonialidade do pensamento social latino-americano, representam a demanda pela reformulação das maneiras de construir conhecimento apelando ao diálogo entre as diversas disciplinas do campo social.

Palavras chave: Ciências Sociais, América Latina, pós-modernidade

Introdução

O giro pós-moderno nas Ciências Sociais tem significado uma verdadeira mudança das premissas fundamentais do pensamento social herdadas da Ilustração. Principalmente, dois elementos são postos em discussão: o da verdade e o da cientificidade —capacidade de produzir conhecimento real—. Poder-se-ia discutir amplamente sobre estes elementos postos em crise, porém os problemas apresentados pelo pensamento pós-moderno não deixam de ser sugestivos. É evidente que essa nova concepção epistemológica pós-moderna nasceu no instante em que outra epistemologia oposta estava entrando em uma crise de hegemonia: o marxismo. O que tem caracterizado às Ciências Sociais, desde a década de oitenta até hoje, é a perda de centralidade do Marxismo.

Alguns historiadores como Jacques LeGoff celebraram este acontecimento do declive do Marxismo porque a história e as Ciências Sociais em geral, ganhavam autonomia respeito desta ideologia e das suas temáticas. O trabalho do historiador e do sociólogo conquistava para si audiência e liberdade em tanto proliferavam expressões de trivialidade nos seus tratamentos.

Assim, esta transformação radical nos temas e nas metodologias das Ciências Sociais em geral e da história em particular, ganhou em relação ao público, mas perdeu em relação à capacidade de construção de conhecimento socialmente útil. Enquanto o pensamento pós-moderno afirma que a lógica interna da sociedade é impossível de se conhecer, que o real e o verdadeiro são meros pontos de vista individuais que não podem ser comunicados e que a história não existe, o que está se fazendo é se conformar com a narração e a descrição dos fatos, claudicando de qualquer tentativa explicativa da dinâmica social. O que se consegue com isto, é um retrocesso a respeito da obra de Marx, naturalizando as relações sociais, ocultando seu rosto imperfeito, conflituoso e artificial e realizando “indiretamente” uma apologia às relações capitalistas, cantando sua ladainha que nos diz que não há possibilidade de conhecer e transformar as relações que os homens estabelecem entre si, porque o capitalismo nos constitui como humanos.

Porém, acredito que enquanto siga existindo o capitalismo como modo de produção e reprodução da vida material dos homens, o Marxismo terá muito a dizer. Esta epistemologia da crítica social “se

*constituye como una concepción histórica del mundo y de las relaciones sociales porque uno de sus postulados esenciales es resistirse a la naturalización de esas relaciones. Para el marxismo la historia tiene algo decisivo que decirnos: que la sociedad no es algo natural, la sociedad es una construcción de los hombres sujeta a una dinámica de cambio permanente. Y en la medida de que es una construcción de los hombres, se puede cambiar.”*¹

A ideia de totalidade, ponto de partida metodológico do Marxismo, o coloca num lugar ‘superior’ para entender a natureza das mudanças sociais acontecidas nas últimas décadas. Esta superioridade se refere ao sentido de que os seus questionamentos são outros: o que é a sociedade moderna? Como funciona? Qual é a sua estrutura e a sua lógica histórica? Em fim, o fundamental no marxismo é a pergunta sobre qual é o funcionamento e a dinâmica da sociedade na sua totalidade.

Estas problemáticas são ponto de partida do tratamento marxista para o conhecimento social, supõem o transtorno da lógica disciplinária tal como se organizou a partir da proposta positivista de Auguste Comte. O que é a obra de Marx? É econômica, é política, é histórica, é filosófica ou antropológica? Podemos afirmar que é algo mais que todo o anterior. Por exemplo, a ascensão do neoliberalismo – que coincide com a ascensão do pós-modernismo- em sociedades de capitalismo dependente como as latino-americanas, está colocando sobre a mesa problemas muito mais urgentes e centrais que as modas acadêmicas do pós-modernismo. As mudanças desencadeadas pelo neoliberalismo na América Latina devem ser estudadas desde um enfoque abrangente do homem real nas suas circunstâncias, isto é, desde uma visão de totalidade.

Neste sentido, a possibilidade de criar uma Ciência Social latino-americana deposita-se sobre uma visão que integre todas as dimensões do social e que ao mesmo tempo supere as separações artificiais impostas no século XIX e que prevalecem até hoje². Por sua vez, este esforço deve considerar as limitações e os embates que o pensamento social tem sofrido neste continente sem esquecer a natureza da relação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa e, sobretudo, enfatizando a urgência de um conhecimento social que dê conta das diversas realidades e leituras que integram esse universo.

O presente ensaio constitui uma sorte de balanço das Ciências Sociais e do Pensamento Social na América Latina, feito a partir da leitura de uma série de autores que se inscrevem numa linha de produção crítica que faz frente às orientações teóricas e metodológicas que não conseguem dar conta das dinâmicas sociais do continente e que deformam a realidade na medida em que são alheias a ela. Estes trabalhos, além de questionar a condição de colonialidade do pensamento social latino-americano, representam a demanda pela reformulação das maneiras de construir conhecimento apelando ao diálogo entre as diversas disciplinas do campo social.

A produção teórica e a reflexão social que vem ligada a esta, tem se enquadrado em um contexto de crise constante que tem propiciado um alto nível de criatividade ao mesmo tempo em que evidencia um grande potencial político na América Latina; esta condição tem se tornado reveladora na análise das perspectivas de estudo das Ciências Sociais e das limitações que este pode padecer. Assim, o ensaio será estruturado ao redor dos desafios postos em frente e as propostas para superá-los.

Neoliberalismo e pós-modernismo: problemas e desafios

A época atual está atravessada por transformações em diversos aspectos da sua realidade social, tanto nos seus processos econômicos e políticos quanto nos culturais. Estas transformações que têm alterado a superfície fenomênica do capitalismo contemporâneo percorrem as cidades e os campos da América Latina. O dismantelamento de grandes zonas industriais, o incremento generalizado do desemprego e a precarização das condições salariais, contratuais e reais dos trabalhadores, uma crescente austeridade no gasto social, dos orçamentos estatais em níveis tanto locais quanto estatais; um intenso movimento

¹ Horacio Crespo. —Marxismo e historia social. Texto revisado da palestra dada o 9 de setembro de 2004 na Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH).

² Immanuel Wallerstein (coord). *Abrir las Ciencias Sociales. Informe de la Comisión Gulbenkian para la restructuración de las Ciencias Sociales*. México: Siglo XXI, 1996, pp. 82-83.

migratório de escala mundial, onde um campo depauperado e acochado pelo avanço da agroindústria tem aportado um enorme contingente de mão de obra desocupada; junto a isto, o estreitamento das práticas políticas dos diversos partidos da cena política, a consciência do afastamento dos temas públicos de interesse geral e a sensação de uma despolitização dos sujeitos sociais; unido a uma discursividade que apela à direção autárquica da racionalidade do mercado e o enaltecimento da privatização.

Diversos teóricos como Jean Baudrillard, Jean-François Lyotard, Jacques Lacan, Michel Foucault, Gianni Vattimo, Jacques Derrida entre outros³, refletiram e fizeram diversas contribuições para descrever e explicar estas transformações que foram chamadas como o advento de uma nova época: a pós-modernidade.

O principal argumento da pós-modernidade era a crise e o esgotamento da razão ilustrada. Se a modernidade –argumentavam os pós-modernos- havia sido a utopia de liberar ao homem das suas cadeias místicas do *Ancien Régime* através da razão, o prefixo *pós* indicava o desfalecimento desta utopia. Esgotamento que se manifestava na incapacidade da razão ilustrada de propor novos caminhos ao desenvolvimento humano e por sua crescente incapacidade de compreender uma sociedade que se tornava mais complexa e que por tanto seus antigos modelos teóricos e conceptuais deixavam de ter vigência.

A mudança pós-moderna que se deu nos anos setenta na linguagem da arte –e mais especificamente na arquitetura- passou à discussão da epistemologia e daí às Ciências Sociais através do pós-estruturalismo francês com Jean François Lyotard como o seu autor mais destacado. O núcleo epistêmico que se colocava em questão desde o pós-modernismo era, como já foi mencionado, a mesma razão ilustrada, fundamento da vida moderna.

O que pensadores como Michel Foucault e J. F. Lyotard acentuavam nas suas importantes obras, era a impossibilidade de que os fenômenos sociais sejam susceptíveis de ser explicados a partir de modelos teóricos totalizantes e que se articulem alternativas através de meta-teorias. Segundo as análises psicologistas dos pós-modernos, essa incapacidade de aprender os significados dos acontecimentos sociais de maneira totalizadora, leva a consciência do sujeito pós-moderno à ruptura, à fragmentação, ao caos. O que estas análises mostraram foi “*una imaginación temporal que desplegó un poderoso sentido del futuro y de nuevas fronteras, de ruptura y discontinuidad, de crisis y conflicto*”⁴. Este movimento pós-moderno aportou diversos elementos explicativos sobre a vida atual. Sobre tudo, se refletia como um movimento intelectual que questionava a racionalidade moderna e sua práxis vista por eles como inevitavelmente autoritária.

Segundo o pensamento pós-moderno seriam três os elementos fundamentais que teriam surgido na sociedade contemporânea e que provocaram uma ruptura radical com a tradição da modernidade, além de que permitiram o advento de uma época substancialmente nova:

I. A desilusão da razão e seu intento totalizador da realidade; II. O predomínio do fragmentário, o adventício, o caótico sobre as antigas certezas modernas; e III. Mudanças substanciais na vida econômica do mundo contemporâneo, determinada pela cibernética e a informática na esfera tecnológica.

O primeiro destes pontos, que em minha opinião é o que mais interessa nesta discussão, se concentra, como já foi dito antes, na crítica à razão ilustrada como guia para emancipação social. Ademais, se coloca em questão toda noção ou tentativa teórica totalizadora. Os pensadores pós-modernos buscam

³ Seria absurdo considerar esta diversidade de autores como um movimento de pensamento homogêneo. De maneira alguma isto é assim, porém estes pensadores têm aportado uma variedade de elementos que são retomados muito ativamente por aqueles que subscrevem a pós-modernidade.

⁴ Josep Picó (Comp). *Modernidad y posmodernidad*. Madrid: Alianza editorial. 2002. pág. 32.

inscrever sua tradição como um projeto teórico, histórico e literário que resistirá ao intento de recorrer a qualquer explicação a partir do que eles chamam teorias totalizadoras ou meta-relatos⁵.

A desconfiança nos meta-relatos estaria baseada na incapacidade destes, de aprender a recente complexização das diversas identidades a partir de construções conceituais homogeneizadoras. No seu objetivo de apreender a totalidade social, os grandes relatos modernos seriam incapazes de compreender as novas identidades fragmentadas e as suas expressões contidas nos novos movimentos sociais como os feministas, os de defesa da diversidade sexual, os ecologistas, os étnicos, os autonomistas, de consumidores entre outros.

Segundo este argumento, o projeto pós-modernista procura explorar estes “movimentos sociais”, os quais têm transcendido a bipolaridade antagônica de classes e agora “irrompem” nos fenômenos históricos atuais. Seria a irrupção de novos antagonismos sociais que escapariam aos velhos procedimentos esquemáticos das teorias holísticas.

A fragmentação do cenário social que os pós-modernistas se empenham em ressaltar, se vincula estreitamente com a proposta neoliberal, que nega a concepção da sociedade “*como una totalidad compleja, mediatizada y dialéctica*” insistindo na influência dos elementos econômicos por cima dos outros aspectos da vida social e a prevalência dos atores individuais sobre as coletividades⁶.

Na visão de diversos autores, o desprezo pelos grandes relatos modernos e especialmente pelo Marxismo como categoria de entendimento da dinâmica social, implica também a aceitação de que não existe outra maneira de pensar o mundo além do Neoliberalismo. Nesse sentido, este se torna tão totalitário quanto os meta-relatos que deixa para trás, se postulando como alternativa única da realidade social e modelo único de compreensão e explicação da sociedade. O que os sujeitos promotores do neoliberalismo lograram fazer é tratar de reduzir o possível social a uma só expressão, que seria o próprio pensamento neoliberal. Disso a insistência de diversos críticos ao projeto neoliberal de caracterizá-lo como *pensamento único*. Discursos anteriores que tentavam assumir a hegemonia no capitalismo –como os populismos, o keynesianismo, etc.—, lutavam e denunciavam o socialismo e o comunismo como projetos sociais terroristas, autoritários ou totalitários; o neoliberalismo já não discute com outros projetos sociais alternativos, nem se quer dentro do próprio capitalismo, consideram que: “*There is no alternative*”.

⁵ Por metarrelatos entendemos “*las categorías trascendentales que la modernidad se ha forjado para interpretar y normar la realidad. Estas categorías obedecen al proyecto iluminista y tienen por función integrar, bajo una dirección articulada, el proceso de acumulación de conocimientos, de desarrollo de las fuerzas productivas y de ordenamiento sociopolítico [...] Los metarrelatos constituyen, en suma, categorías que tornan la realidad inteligible racional y predecible. Todo el esfuerzo perceptivo radica en usar las facultades de la razón para desentrañar la racionalidad que subyace a los fenómenos –sean de la naturaleza, de la historia o de la sociedad– y desde allí poder predecir racionalmente. De este modo, los metarrelatos nos facultan para describir y normar; nos muestran cómo las cosas son, hacia dónde deben encaminarse y cómo deben saldarse la brecha entre ser y deber ser*”. Martín Hopenhayn. *Ni apocalípticos ni integrados. Aventuras de la modernidad en América Latina*. Santiago: FCE, 1994. Págs. 159-160. Hopenhayn segue aqui o argumento do Jean-François Lyotard, para o qual, o problema da legitimação do saber na época contemporânea é o problema fundamental da pós-modernidade. Segundo Lyotard, dois grandes relatos, ou metarrelatos, formam a base cultural do saber moderno: o metarrelato especulativo com base no projeto da universidade de Humboldt e a filosofia de Hegel que cumpre uma função legisladora e totalizadora do conhecimento; e o metarrelato prescritivo ou de emancipação, com base na idéia da prática que se encontra em Kant que cumpre uma função racional-prática encaminhada à liberdade do sujeito. “*De esta manera –conclui Hopenhayn– el encuentro imaginario entre Hegel y Kant operaría como máxima condensación del proyecto de modernidad. La razón estructura el mundo, rige la historia y provee un discurso para la emancipación individual y colectiva.*” A pós-modernidade implica, para Lyotard, a incredulidade nos metarrelatos. Para aprofundar nesta postura ver o já clássico livro *La condición posmoderna* Madrid: Editorial Cátedra. 2006. Especialmente a pág. 57 e seguintes.

⁶ Atilio Boron. *Las ciencias sociales en la era neoliberal: entre la academia y el pensamiento crítico*. Conferencia Magistral pronunciada en el XXV Congreso ALAS (Asociación Latinoamericana de Sociología), Porto Alegre, Brasil, 22 al 26 de agosto de 2005. Pág. 3.

Não obstante, a história social latino-americana dos últimos 30 anos sugere que para florescer, o neoliberalismo precisava de um terreno cultural. Na atualidade, é a cosmovisão neoliberal que vai marcando a pauta do possível social na maioria dos países da América Latina. Em outras palavras, o neoliberalismo foi possível não só graças à imposição das políticas nos campos econômico e político, se não que também foi possível graças a que já existia um terreno cultural que possibilitou à adoção de ditas políticas; sobre tudo entre intelectuais e grupos políticos que o interiorizaram, desenvolveram e o implementaram na região.

A partir desta consideração teórica, poderá se observar que o neoliberalismo deve ser visto como toda uma configuração social e cultural que fez possível e que, por sua vez, é resultante deste projeto econômico e político. Neste processo a função dos intelectuais e as universidades foram de vital importância. Infelizmente, isto significou um retrocesso do caráter crítico que distinguiu ao pensamento latino-americano, **ladeando, afastando e isolando a esses setores**. As instituições de ensino e os espaços para o desenvolvimento do conhecimento social foram modificados em função das demandas do mercado que determinam agora as prioridades de pesquisa. O conhecimento que não tenha uso prático imediato é desvalorizado e as problemáticas e necessidades dos países latino-americanos são substituídas⁷.

O neoliberalismo conseguiu estabelecer sua agenda de discussão ideológica e marcou claramente os limites das críticas dentro de temáticas totalmente estreitas, tais como a ‘democracia’ representativa, os direitos humanos, a atuação da sociedade civil e Organizações Não-Governamentais (ONG’s), o ‘livre mercado’, etc. Discussões sobre propriedade privada, classes sociais, comunismo ou, se quer, socialismo, estão vetadas da imaginação e dos possíveis sociais. Quando o neoliberalismo é submetido à crítica, dentro dos limites das temáticas fixadas pela sua agenda, tem avançado, *a priori*, porque um elemento central da construção da hegemonia se deve à instituição da linguagem a partir do qual se dará a disputa pelo social, “*las palabras que podrán enunciarse y los tonos en que deben ser enunciadas*”⁸.

“Em defesa das causas perdidas”⁹: por uma reestruturação das Ciências Sociais latino-americanas.

Impensar ou re-pensar as Ciências Sociais no contexto latino-americano, significa re-fazer, desfazer e criar categorias de análise que dão conta das múltiplas realidades do nosso continente. O anterior supõe a re-leitura de conceitos dos quais os acadêmicos e intelectuais latino-americanos lançaram mão na tentativa de compreender a dinâmica dos fenômenos sociais ao mesmo tempo em que rejeitaram e condenaram outros ao esquecimento.

Nesta ordem de idéias, uma proposta que avalie a pertinência do conhecimento social produzido na resolução e a compreensão dos problemas que atingem as sociedades latino-americanas, deverá desafiar o projeto hegemônico neoliberal constituindo um corpo teórico que consiga enxergar a realidade como uma totalidade e trasborde aqueles enfoques inovadores que se bem, chamam a atenção sobre aspectos que antes eram ignorados pela pesquisa, fazem do mundo uma “*colcha de retalhos*” na qual a relação entre as distintas esferas da sociedade é inexistente¹⁰.

Assim mesmo, o chamado a combater a separação das esferas sociais deve ser estendido à forma como a produção de conhecimento está organizada. A prática atual das Ciências Sociais não pode ignorar a pluralidade dos horizontes de conhecimento com os quais se confronta; seu exercício deve integrar as

⁷ Ibid, pág. 7.

⁸ Alejandro Grimson, *Cultura y Neoliberalismo*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007. Acesso ao texto completo: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/grim_cult/

⁹ Referência ao título da obra do sociólogo e filósofo Slavoj Žižek na qual o autor faz uma dura crítica ao ideário pós-moderno chamando a sua vez, à recolocação da luta de classes no cerne da realidade global.

¹⁰ Lúcio Oliver Costilla. “O novo na sociologia latino-americana”. Em: *Sociologias*. Porto Alegre, Ano 7 N° 14, julho/dezembro 2005, pág. 248.

múltiplas visões e experiências de mundo na busca de objetividade¹¹ na compreensão dos processos sociais. A distensão das fronteiras disciplinares é um passo na frente nesta tarefa da mesma maneira que a interação dos estudiosos procedentes de todos os climas, sem a imposição de um segmento sobre o outro.

Entre os desafios que a Comissão Gulbenkian aponta na sua avaliação do estado do conhecimento social no século XXI, se insiste na recolocação de categorias de análise que foram relegadas ou cujo uso se mostrou insuficiente. Por exemplo, as noções de classe e ideologia parecem ter perdido a sua capacidade elucidativa da realidade; os estudos que se orientam às transformações ideológico-culturais da etapa atual apontam que o neoliberalismo tem sido criado pela natureza inerente da dinâmica global e seu pensamento é fortemente promovido por atores sociais sem vínculos efetivos com interesses de classe, despojando precisamente, a base territorial das idéias e o conteúdo classista da realidade neoliberal.

Por sua parte, o Estado como unidade de análise demanda uma série de mudanças que contemplam a existência de complexas estruturas tanto no nível local quanto no nível global. A crença no Estado como executor de reformas que levariam indubitavelmente às sociedades pelas vias do progresso, tem sido avaliada à luz das alterações que as escalas do espaço e do tempo têm sofrido na análise empírica. A ação social não pode ser enquadrada dentro de uma estrutura estatal, muito menos diante uma perspectiva de um mundo globalizado. Não significa em tanto, que o Estado tenha perdido a sua vigência na compreensão das sociedades modernas, pelo contrário, ele continua influenciando profundamente processos sociais, políticos e econômicos constituindo-se numa instituição chave nos estudos sociais.

Os debates pelo caminho que as análises sociais devem seguir, se inscrevem numa linha de diálogo que luta pela desaparecimento de um conhecimento fragmentado na medida em que reconhece a complexidade da realidade do homem. As perspectivas trans e inter-disciplinares oferecem alternativas válidas a esse problema em quanto “[...] apontam omissões, hiatos, fraquezas e contradições em disciplinas tradicionais e propõem uma abordagem crítica [...]”¹². Esse diálogo não implica, entre outras coisas, uma rejeição à parcialidade das abordagens teóricas disciplinares se não um sério reconhecimento dos seus limites e o esclarecimento dos fins a serem atingidos.

¹¹ É claro que apelar à objetividade, não significa o divórcio do pesquisador e seu contexto social; a crença na neutralidade é, como aponta Immanuel Wallerstein, uma ficção que tem sido generalizada e que tem custado muito ao aumento do valor da verdade nas descobertas dos científicos sociais. Immanuel Wallerstein (coord). *Abrir..., op. Cit.*, pág. 82.

¹² Myriam Sepúlveda Santos. “Integração e diferença em encontros disciplinares”. Em: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Vol. 2 N° 65 Outubro de 2007. <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a05v2265.pdf>

Bibliografía

BORON, Atilio. *Las ciencias sociales en la era neoliberal: entre la academia y el pensamiento crítico*. Conferencia Magistral pronunciada en el XXV Congreso ALAS (Asociación Latinoamericana de Sociología), Porto Alegre, Brasil, 22 al 26 de agosto de 2005. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/alas/alas05.pdf>

LANDER, Edgardo. "Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntricos". En: *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Edgardo Lander (comp.) CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Julio de 2000. 246 p.

LEIS, Hector. "Sobre o conceito de interdisciplinaridade". Em: *Cadernos de Pesquisa em Ciências Sociais* N°73, Florianópolis, agosto de 2005.

http://cursa.ihmc.us/rid=1181318845890_1252767148_7539/CadPesIDCieHum_2005_73_1.pdf

LÓPEZ SEGRERA, Francisco. "Abrir, impensar, y redimensionar las ciencias sociales de América Latina y el Caribe. ¿Es posible una ciencia social no eurocéntrica en nuestra región?" En: *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Edgardo Lander (comp.) CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Julio de 2000. p. 246.

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/lopez1.rtf>

MIGNOLO, Walter. "Herencias coloniales y teorías poscoloniales". Em: *Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales*. www.cholonautas.edu.pe

OLIVER COSTILLA, Lúcio. "O novo na sociologia latino-americana". Em: *Sociologias*. Porto Alegre, Ano 7 N° 14, julho/dezembro 2005, pp. 244-273. <http://www.scielo.br/pdf/soc/n14/a10n14.pdf>

QUIJANO, Aníbal. "Don Quijote y los molinos de viento en América Latina". Em: <http://www.oaiperu.org/documentos/ClavesQuijano.pdf>

SEPÚLVEDA SANTOS, Myriam. "Integração e diferença em encontros disciplinares". Em: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Vol. 2 N° 65 Outubro de 2007. <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a05v2265.pdf>

SILVIANO, Santiago. "O entre-lugar do discurso latino-americano". Em: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Editorial Perspectiva. 1978, pp. 11-28.

TAVARES, José Vicente; BAUMGARTEN, Maíra. "Contribuições da Sociologia na América Latina à imaginação sociológica: análise, crítica e compromisso social". Em: *Sociologias*. Porto Alegre, Ano 7 N° 14, julho/dezembro 2005, pp. 178-243.

<http://www.alas.fsoc.uba.ar/pdf/institucional/tavares-dos-santos-por.pdf>

WALLERSTEIN, Immanuel (coord). *Abrir las Ciencias Sociales. Informe de la Comisión Gulbenkian para la restructuración de las Ciencias Sociales*. México: Siglo XXI, 1996. 126 p.